

Os marginais da democracia

Há um fio condutor que faz das manifestações de hostilidade ao presidente Fernando Henrique Cardoso um único ato, com um único propósito. Estas manifestações têm em comum ser preparadas, conduzidas e feitas por pessoas ligadas ao PT, à CUT e ao PC do B, que se utilizam, como linha auxiliar, de movimentos sociais controlados ou infiltrados. A estratégia é simples, típica dos movimentos de esquerda que, certos de não contar com apoio popular, buscam o poder pela ação direta. Os marginais da democracia organizam manifestações barulhentas e agressivas para acuar as autoridades e impressionar os descontentes com o governo ou com a vida que levam. Seu objetivo é desestabilizar o governo, solapando-lhe a autoridade e a popularidade. A menos que os manifestantes encontrem enérgica resistência, pode-se esperar que a baderna continue e se avolume, especialmente em Brasília e nas cidades que o presidente da República visitar.

Tais manifestações são coordenadas por profissionais da baderna. No sábado da semana passada, um grupo de sem-teto foi em passeata até a frente do prédio onde o presidente Fernando Henrique Cardoso reside, quando em São Paulo. O presidente não estava na cidade, o que era amplamente sabido, mas os manifestantes agiram como se estivessem representando para o chefe

do governo. Na quarta-feira, os mesmos sem-teto dirigiram-se para a Prefeitura, removendo à força todos os obstáculos colocados em seu caminho. Os 2 mil sem-teto querem a bagatela de 20% das verbas municipais de habitação para programas de mutirão ou autogestão. Apenas isso. Usam uma causa social perfeitamente defensável para exigir o impossível e, assim, ter uma falsa justificativa para manifestações de inegável cunho político.

Também na quarta-feira, agricultores do Grito da Terra invadiram o gabinete do ministro Antônio Kandir, onde se instalaram com um peru, um boque e um porco. Os agricultores querem financiamento para suas plantações, o que é perfeitamente defensável. Mas não se contentam com um aumento inferior a 50% do total da linha de financiamento do Pronaf, além de outras 14 reivindicações que o governo não pode atender, por não serem razoáveis. Foi o quanto bastou para justificar a invasão animalasca do gabinete do ministro.

A mais grave das manifestações, no entanto, ocorreu em Belo Horizonte, onde o presidente Fernando Henrique Cardoso participou da reunião de ministros do Comércio das Américas.



Manifestantes encapuzados agrediram a polícia a pedradas, deixando cinco policiais feridos. No mesmo dia, o presidente foi visitar um hospital, onde foi submetido ao constrangimento de uma vaia, que abafava tímidos aplausos.

Homens públicos, principalmente quando em função de governo, estão sujeitos a eventuais manifestações de desagrado popular. Isso faz parte da democracia. Mas as manifestações que estão sendo conduzidas por motivos político-

ideológicos não refletem descontentamento verdadeiro com os rumos seguidos pelo governo. Tanto assim que as pesquisas de opinião consagram com índices dos mais expressivos a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso, bem como o apoio popular ao seu programa de governo. O que se está fazendo nas ruas, com o objetivo declarado de acuar o governo, é pura e simples baderna. Em Belo Horizonte, os marginais da democracia ocultavam o rosto com capuzes e camisetas, como se fossem membros da famigerada Ku Klux Klan, com a qual se identificam não apenas na indumentária, mas também na mentalidade. Na capital mineira, a violência das manifestações subiu um degrau. Os manifestantes

prepararam-se para enfrentar a polícia com pedras e coquetéis molotov, um dos quais queimou um policial. Energúmenos que são, queimaram bandeiras norte-americanas para protestar contra o presidente que foi a Belo Horizonte para se opor aos interesses do governo americano.

A ousadia cresce. No primeiro dos leilões de privatização, os manifestantes xingavam e cuspiam; agora, apedrejam e ameaçam vidas

Há um movimento concertado para desestabilizar o governo por intermédio da baderna

alheias com bombas caseiras. Fazem isso porque falta polícia. Não basta que a polícia faça cordões de isolamento, ou que desocupe prédios públicos após decretação de mandados de reintegração de

posse. É preciso que a polícia desencoraje estas manifestações violentas com o uso de adequada energia e, mais que isso, não permita que os líderes dos baderneiros fiquem livres e impunes. Vá lá que impedir que grupos se reúnam para invadir ou agredir seja difícil. Mas é mais fácil impedir que se retirem livremente. Basta ter a vontade de prender e processar. É democrático, não impede a livre manifestação das opiniões, mas obriga à civilidade e evita tentações autoritárias.